

# Sarney: "Um país democrático"

O vice-líder da Arena, José Sarney (MA), apesar do **handicap** contrário, de contestar de improviso o discurso longamente elaborado por Marcos Freire, foi veemente e objetivo. "Como se pode identificar uma tirania com um regime que procura fazer eleições e legitimar-se através de eleições?"

Mostrando a inviabilidade da convocação de uma Assembléia Constituinte, face às dificuldades internas e externas, declarou que há um perigo muito grande, quando, na atividade política, se perde uma visão realista para buscar uma visão messiânica. Reconheceu, no entanto, que uma Constituinte vem sendo reclamada por representantes dos dois partidos.

— Evidentemente — salientou —, que a oposição tem o dever de sonhar, mas nós da Arena e do Governo, temos a obrigação de, realmente, enfrentar os problemas do país, porque são o Presidente da República e o seu partido os responsáveis pela conduta do país. E nós não podemos deixar de negar à Revolução de Março de 1964, o estabelecimento dentro do Brasil, de um país viável, de um país que

pode ter dificuldades, mas tem perspectiva de um grande futuro.

E prosseguiu José Sarney: — Nós devemos creditar à Revolução o fato de que ela foi capaz de evitar que o Brasil se transformasse no Uruguai, perdido nas suas origens, enfrentando as maiores dificuldades depois que aquele país foi dividido num alvo irresistível entre grupos militares e paramilitares, civis contra civis. Também a Revolução foi capaz de não transformar o Brasil numa segunda Argentina, nação que está perdida e dividida.

As indagações de Marcos Friere — "Que regime é este", esclareceu o vice-líder da Arena que este é um regime que conseguiu democratizar a educação a tal ponto que, hoje, sem distinções de classes sociais, mais de um milhão de estudantes estão nas universidades.

Um regime que estendeu, democraticamente, a Previdência Social à quase totalidade dos brasileiros e caminha para atender a todos.

Lembrou que o trabalhador do campo, que era um páua, só

procurado em épocas de eleições, já goza, além da aposentadoria, de assistência médica e de assistência técnica.

Quando enumerava a legislação revolucionária em favor das classes mais pobres, Sarney foi interrompido por Orestes Quércia (MDB-SP), um dos defensores da Constituinte.

— A proposta nem é boa nem é má, respondeu, acrescentando: acho que ela é irrealista porque se nós estamos dizendo, aqui, que a Revolução ainda invoca para si o direito de usar o seu Poder Constituinte V. Exa. está evidentemente desconhecendo aquele princípio fundamental que a Revolução se motivou e com o que ela tem vencido.

Ao justificar as reformas políticas realizadas pelo Presidente da República, Sarney foi apartado pelo líder da Arena, Eurico Rezende. Este afirmou que, no momento em que o diretório nacional do MDB atacava a suspensão da fidelidade partidária, por considerá-la um instrumento para garrotear idéias, utilizou-se desse instituto para fechar questão contra a proposta da reforma judiciária. Impedindo, assim, a aprovação da matéria, o MDB estava impondo a ditadura da minoria, apontada pelo Presidente da República.

Contou, Eurico Rezende, que vários parlamentares da oposição desejavam aprovar o projeto, por considerá-lo apenas técnico.

Intervindo no debate, o líder oposicionista, Franco Montoro destacou o contraste entre a veemência com que o Governo se refere à decisão do MDB, "e a de um homem que assume funções de Assembléia Nacional Constituinte, para ditar regras para cento e dez milhões de brasileiros — e é considerado seu procedimento um ato democrático".



Fotos de Antonio J. Freitas

José Sarney: como chamar de tirano um país que promove eleições?